JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DE GUIMARÃES E O DE MAIOR EXPANSÃO NO CONCELHO

Notícias de Guimarães

ANO 21.º N.º 1088

GUIMARÃES, 23 de Novembro de 1952

Redacção e Adm., R. da Rainha, 56-A Tel., 4313

Comp. e Imp., *Tip. Ideal*. Tel., 4381

VISADO PELA CENSURA

— AVENÇA —

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

O Dia do Tuberculoso

É-nos sumamente grato o facto de termos a oportunidade de nos referir ao extraordinário empreendimento a que se votou a Comissão Municipal de Assistência deste concelho, procurando atenuar o alastramento do flagelo da tuberculose, no qual respeita a Guimarães, onde a percentagem desses infelizes doentes tem atingido proporções confrangedoras. A tuberculose, doença ingrata e de consequências de penetrante sentimentalismo humanitário, vai-se vulgarizando em escala cada vez mais crescente entre aqueles que não podem impedir a sua expansão dentro do próprio lar, sobretudo porque a falta de recursos assim o permite e, portanto, a falta de tratamento, a falta de dinheiro e a falta de higiene agravam o mal e tornam-no extensivo, através da natureza do ambiente em que essa doença se desenvolve, a todo o aglomerado familiar, que assim vai sendo contaminado e arrastado para a desventurada situação em que muitos, infelizmente, se encontram.

Conhecemos casos que torturam a Alma e o coração, casos esses em que as suas vítimas são constituidas por pais e por filhos, exactamente por falta de possibilidades que evitem o perigo do contágio. Perante a gravidade de tão desesperada contingência da vida — neste caso mal vivida — nenhuma pessoa detentora da qualidade da «sensibilidade humana» poderá negar-se a contribuir para a realidade de uma oportuníssima e caridosa aspiração da C. M. A. no sentido de, dentro do espírito da sua acção assistencial e ainda no dos sentimentos humanos e cristãos das pessoas que a constituem, procurar transformar em consoladora e sublime realidade a construção de um Pavilhão sem outro fim que não seja o de proporcionar o internamento de doentes tuberculosos.

E' evidente — como já foi dito — que o mal exige mais alguma coisa, mas se por um lado é assim, constata-se, por outro lado, superior vantagem no campo da luta contra essa doença, vantagem objectivamente traduzida em medidas e precauções que se tornam necessárias para reduzir a intensidade da sua propagação e tornar, desse modo, menos alarmante a estatística da mortalidade que lhe é atribuida.

Postos neste pé os indiscutíveis resultados satisfatórios que advirão da construção do referido Pavilhão e do seu funcionamento, é de esperar que o próximo dia 29, consagrado, no concelho de Guimarães, a **«Dia do Tuberculoso»** marque na História desta terra uma data que assine, em letras de sentimentalidade eterna, mais um belo exemplo dos Vimaranenses na esfera da Caridade em prol dos desventurados tuberculosos, que, sem Ela, não terão a esperança de ser curados ou, pelo menos, beneficiados com melhoras que lhes retardem a certidão do seu óbito. São esses, com certeza, os seus melhores e maiores anseios — aliás muitíssimo justos — e os mesmos deverão ser os de todos os Vimaranenses em condições de auxiliarem essa significativa e nobilíssima Cruzada do Amor de Deus e do próximo.

Por isso, que nenhum Vimaranense se negue a ligar o seu nome a uma acção de benemerência que representará uma coroa de louros para quem a praticar. E porque há Vimaranenses pelo nascimento e pelo coração, que todos, numa só voz, quer partindo dos **presentes**, quer dos **ausentes**, digam: — **PRESENTE!**

V. C. A.

A partir desta data o «Notícias de Guimarães» abre nas suas colunas a tradicional subscrição para o NATAL DOS POBRES, especialmente para as famílias envergonhadas, para os inválidos e para os doentes, que vivem em precárias condições e que nesta quadra do ano ansiosamente esperam o auxílio que lhes vem daqueles que nos lêem.

«O EDECETRA»

UM NOVO LIVRO DO Dr. Eduardo d'Almeida

O labor literário do distinto escritor vimaranense dr. Eduardo d'Almeida, reflecte as suas surpreendentes possibilidades intelectuais e a feição cativante do seu espírito culto.

Debruçado sobre problemas transcendentes do Homem e da História, o seu estudo é sério, aturado e profícuo — estudo que se alicerça no escrúpulo do historiador probo, na sagacidade do psicólogo consciente, na experiência do intelectual de vigorosa compleição, com estrutura numa profunda cultura geral.

No romance, no episódio dramático, na novela, na conferência, nos estudos históricos, muitos e valiosos, na simples crónica jornalística, estamos em presença de um escritor de envergadura, de um vernaculista inconfundível, que esmerilha a frase de maneira magistral e atraente.

Acabamos agora de ler o novo livro que o dr. Eduardo d'Almeida lançou à luz da publicidade e a que deu o título simples e inexpressivo de «O Edecetra».

Se outras obras não tivesse o escritor de sua lavra, bastaria esta — não há dúvida nenhuma — para o consagrar de forma definitiva e irrecusável, colocando-o no plano primeiro dos melhores escritores coetâneos.

As obras literárias que marcam, que superam as idades e os tempos, que eternizam as ideias e o espírito criador e artístico dos povos, são aquelas que estudam o Homem — completo, integral, místico, fanático ou descrente — na grandeza da sua epopeia dramática, que enche a Terra de Verdade, de Sonho e de Dor.

O Homem — o drama do Homem — eis o grande tema que vai até ao Infinito.

«O Edecetra» é um livro de altíssimo valor, de qualquer maneira que o encaremos. O Homem está ali, com todas as suas grandezas e misérias — com os seus sonhos, as suas desditas, os seus anseios e os seus pecados, as suas abjecções e o que de sublime e divino o caracteriza. A Vida perpassa nas suas páginas, no complexo dos dramas e no tom gritante dos paradoxos. Desbobina-se na ternura do mistério e nas tintas vivas de um realismo que ora encanta ora punge e subjuga.

O Edecetra personifica o Homem com todas as suas incógnitas — que vão do material ao moral e ao psíquico.

Aparece-nos em Coimbra, como estudante de medicina, senhor de um destino onde se descobrem laivos de tragédia e de abnegação e de uma filosofia individual... Homem afeito ao amor e à saudade, enleado no poder sensitivo. Entra na vida, médico, com alma e coração, mas vencido pela incógnita do futuro, ligada à responsabilidade da vida profissional, na «agrura inquieta da iniciação», agrura que em certo ponto culmina na vontade de gritar: *La farse est terminée!* A farsa — a farsa desta Vida...

E o romance de muitas Vidas desenrola-se nas 258 páginas vigorosas, brilhantes, imponentes como catedrais, de «O Edecetra», onde a insuperável riqueza do léxico, do vocábulo e a mestria da construção, da concatenação, nos assombram.

«Aquela Estrada» e «Jornada Rústica» impressionam pela opulência dos pormenores singulares, num descritivo empolgante, com cores de luminoso cenário, cheiros de musgo, rosmaninho e hera, na adivinhação do mistério de paixões íntimas. E' uma encantadora perspectiva desenhada na beleza apoteótica de quadro rústico, rico de minudências.

Bartolomeu Eloi de Penamor, em «Asas de Morcego», é uma figura magistralmente talhada — e a destrinça, a modos de simbologia, de manequins e monos de alfaiate com díspares farpelas, é de uma filosofia e de uma graça irresistíveis... até ao ponto de uma natural mutação de cenário: a cena funambulesca, com música e pantominas de circo, em ambiente em que se perde a noção da realidade e do tempo, na noite cerrada do mistério e da perplexidade, por «influência sugestiva e salutar» na moça tísica e demente, é impressionante!

Cremos que não se pode escrever com maior poder de síntese, levando um problema humano, forte e incisivo, ao plano de uma emoção verdadeiramente singular.

Dr. Eduardo de Almeida

A emoção, para nós, neste livro do dr. Eduardo d'Almeida, culmina em «Fuge, Late, Tace» (nem sempre os títulos estão à altura da grandeza dramática): dois irmãos que vivem histórias diferentes, complexas, «ignorando-se absolutamente um ao outro na intimidade secreta das suas vidas», que decorrem no retraimento e no luxo solarengo. O *Natureza Morta* alimenta o fogo sagrado de um ideal amoroso, feito de arte e de paixão. O *Não-te-Rales*, escalda-o a nevrose, a mania dos cometimentos mate-

Conclui na 2.ª página.

O Natal dos nossos Pobres

O NATAL aproxima-se.

E com essa aproximação vêm-nos à lembrança aquelas pessoas que vivendo horas de infortúnio e de desolação, sempre nos batem à porta na altura da festa consagrada à Família e nos pedem o auxílio de que tanto carecem.

E são tantas, tantas, essas pessoas — velhos, doentes, inválidos — que não podemos deixar de fazer eco do seu apelo, certos de que os leitores, sempre prontos para acorrer generosamente às necessidades do seu semelhante, não deixarão de voltar a colaborar connosco nesta cruzada de bemfazer.

Anima-nos a esperança de podermos levar, na altura do Natal, a muitos lares pobres da nossa Terra, um pouco de alegria, algum lenitivo para as dores, para os sofrimentos, para tantas lágrimas que se vertem...

O leitor vai-nos ajudar e com essa ajuda, valiosa, indispensável, a nossa missão, a missão a que nos propomos mais uma vez, chegará a bom termo.

Por isso mesmo antecipamos os melhores agradecimentos às pessoas que queiram vir acompanhar-nos na visita que teremos de fazer aos lares pobres onde a desventura entrou e permanece, para ali deixarmos uma pequena prova da nossa solidariedade.

Está aberta, pois, a nossa subscrição.

«Notícias de Guimarães». . . 500$00

ASSISTÊNCIA ESCOLAR

Foi há mais de uma vintena de anos que escrevi uma crónica onde, a propósito de assistência escolar, dizia assim:

«Eu desejaria que os homens de fortuna e de coração fossem tocados de piedade pela infância que vai às escolas, andrajosa, encardida de sujidade e miséria física...»

Tal apelo anunciava uma distribuição de 100 fatos às crianças das Escolas Centrais. E esclarecia:

«Esta distribuição de roupas não abrange o número de crianças necessitadas. A grande maioria tem apenas a parca roupa que lhe cobre o corpo. Muitas crianças vi eu chorar, entristecidas, por não serem contempladas com uma farpela nova para o Natal».

Prosseguindo, dava conhecimento da obra de assistência que junto das Escolas Centrais se desenvolvia:

«Damos uma refeição diária a perto de 200 alunos; organizamos colónias de 50 alunos, com estágio de 30 dias à beira mar; oferecemos, pelo espírito de associação, todo o material didático para o exercício escolar de 400 alunos; promovemos o internamento de alguns alunos doentes nos Sanatórios; — parece que uma obra assistencial deste género deve merecer a simpatia, a ajuda meritória dos que estão bem instalados na vida».

Os anos passaram. E a instituição? Não sei se existe. Quero crer que alguma coisa ainda perdure —, se não com o entusiasmo dos seus fundadores, ao menos pelas raízes que lançou.

Surjam, pois, novos timoneiros. A obra da assistência escolar impõe-se. Sem ela a Escola resseme-se. Tanto isso é reconhecido pelos dirigentes superiores do ensino, que existe uma assistência oficial para dar ajuda às iniciativas particulares.

Há coisa de vinte anos, os fundadores das instituições de assistência escolar, embora não encontrassem o Ministério da Instrução fechado para ouvir as suas petições, ainda assim, eram limitadíssimos os subsídios concedidos, quando não recusados —

O Minho

(Ao Poeta e Amigo Torcato Mendes Simões)

O Minho é como um quadro do Malhôa:
Colorido, taful, sentimental;
Como o som duma harpa de cristal,
Assim é o seu nome, quando soa.

Pátria de rouxinóis, alegre e boa,
E' da terra melhor de Portugal!
Daqui se fez o berço e o arraial
Do sonho lusitano da Coroa!

Poetas, tem-nos dos maiores da Raça;
Verbo de sol em flor, cheio de graça,
O Minho enleia o olhar e o coração!

—Verso lindo de música infinita,
E's a estrofe que foi por Deus escrita,
O' Província sagrada da Nação!

(Inédito)

Braga, 52

A. GARIBALDI.

Quem me compra isto?!...

O PASSARITO E A DAMA

por AURORA JARDIM

Eram três passaritos
bonitos.
Um com asas de cristal
outro com asas de pluma
outro com asas de diamantes.

Todos fugiram
e esvoaçaram
pelo espaço,
sem [illegible]

Bico dourado
foi parar
ao mar
e nele ficou.

Bico de prata
meteu-se na mata.
Ninguém mais o viu.

Bico de bico
pairou sobre o rio
desceu na cidade.

E' o mais feliz de todos, olhai...
Prendeu-se num véu
namora-lhe os olhos:
— está no seu chapéu.

500 CONTOS

Parece que se persiste, teimosamente ou só porque a imaginação não dá para mais e se supõe deprimente e vexatório adoptar ideias que não sejam as próprias, na realização de uma exposição industrial concelhia para comemorar o centenário da elevação da vila de Guimarães a cidade.

Mais uma menos uma exposição industrial num centro fabril como este, conhecido e reconhecido como é no país inteiro, centro, aliás, já com largas e importantíssimas irradiações para os concelhos limítrofes, como Fafe e Riba de Ave exuberantemente o demonstram, não é assunto de tamanho relevo que valha um grande esforço de crítica.

Não nos impressiona o facto da exposição pela sua importância intrínseca; apenas o encaramos sob o aspecto da defesa que nos merece a boa administração do dinheiro do contribuinte. A nossa Câmara não é rica; estão aí os calceteiros, algumas vezes em atraso de vencimentos, para o certificar; estão bem patentes por toda a cidade tantas ruas esburacadas, tantas pequenas coisas para atender e, pelas aldeias, tantos caminhos esbarrondados para consertar, empedrar ou alargar, que mais não é preciso para nos impor o cuidado máximo na aplicação da exígua receita municipal.

E' evidente, nenhum dos maiores entusiastas da exposição o pode negar, que para o desenvolvimento económico do concelho de Guimarães não há necessidade alguma de se mostrar, mais uma vez, o que é e o que vale a sua indústria. Mas temos de comemorar o centenário da cidade, à custa da Câmara. Pois bem; comemore-se o centenário e pague a Câmara as despesas. Mas faça-o de forma que o dinheiro gasto não seja inteiramente improdutivo; gastem-se essas centenas de contos em qualquer coisa de utilidade prática das tantas que se podem imaginar adequadas realmente para consagrar o centenário da cidade e que fiquem como padrão para os vindouros, sempre vivo e palpável, do nosso esforço, da nossa vitalidade e do nosso brio de habitantes de uma cidade que o seja por merecimento próprio e não simplesmente por decreto de um governo amigo. Esta é a nossa posição e nela nos firmamos, certos de que estamos com a boa razão.

E, se, a par com a comemoração do centenário, a indústria vimaranense entender proveitosa para ela a oportunidade de uma feira, modalidade inteligentemente aqui lembrada pelo conceituoso "Joaquim do Vale", nada a impedirá de a promover inteiramente à sua custa, sem o auxílio do contribuinte.

Quinhentos contos de dinheiro municipal e ainda mais o que faltar, como por aí se diz, é muito e é pouco; é pouco porque uma exposição industrial, comemorativa de um centenário de cidade da nossa categoria, não é praça de touros, não é obra de carpinteiro, que se faça em três dias, a martelo e prego de solho, por maior e mais comprovada que seja a energia e a boa vontade de quem a dirija; é muito porque com menos do que esses quinhentos contos se pode acudir a grandes necessidades da cidade e do concelho, de premente urgência, e cuja satisfação, melhor pode contribuir para o desenvolvimento económico de Guimarães.

Atordoam-nos os ouvidos com a celeuma de que *há 50 anos* se vem reclamando o alargamento da Rua dos Terceiros, sem resultado; parece que não se tem conseguido verba para pagar condignamente um dos prédios a expropriar; pois talvez que, se o dinheiro que devem custar as brigadas que já nos anunciam, fosse aplicado às expropriações e terraplanagens do tão desejado alargamento daquela rua, ainda sobrasse alguma coisa para uma fonte em qualquer dos povoados do concelho que tantos de água necessitam; e a inauguração da nova rua podia ser um dos números, e bem apropriado, comemorativos do centenário da cidade.

Ainda mais: se os 500 contos para as despesas a que a exposição obriga fossem de preferência aplicados em nova expropriação dos prédios *já uma vez expropriados* para se acabar com o perigoso e inestético cotovelo da Rua de S. Dâmaso, aí teríamos também outro número útil e apropriado para as festas comemorativas do centenário.

M.

N. da R.

O facto de termos tomado contacto directo com os trabalhos preparatórios para a Exposição que se pretende levar a cabo no ano próximo, impõe-nos, por lealdade, a obrigação de esclarecer ser nossa convicção e, estamos certos, das restantes pessoas que têm acompanhado as diligências feitas, pouco ou nada representar em encargo para o Município ou mesmo para a Comissão promotora da Exposição, a visita, que se espera, de alguns técnicos, visto que a solicitação foi feita por forma a que tal coadjuvação, para início e a título esclarecedor, não venha onerar a iniciativa.

---

o que sucedia a maioria das vezes.

Surjam, pois, os timoneiros, aproveitando a maré alta destas ajudas oficiais.

Para começo de tão nobilitante tarefa, porque se aproxima o Natal, lancem a iniciativa de distribuir roupas às crianças. Antes de mais nada, anunciem uma subscrição, ampla, que envolva toda a cidade.

Saiam à rua, encouraçados de paciência para suportar os que dão de má cara, resmungando comentos contra «a praga das subscrições». Esquecidos os resmungadores que quem mais dá, quem mais se sacrifica em tais peditórios, é quem anda neles, não se estranhe demasiado semelhantes atitudes.

O que importa é alcançar o objectivo: vestir as crianças!

Seja por esta maneira recomeçada a nobre tarefa da assistência escolar — demais que vem aí o general Inverno!

A. L. DE CARVALHO.

Câmara Municipal

Na sua sessão de 19, a Câmara Municipal exarou, na acta, um voto de pesar pelo falecimento do sr. João Rodrigues Loureiro, prestante cidadão que muito contribuiu para o engrandecimento e progresso da nossa cidade, e outro de agradecimento ao sr. António José Pereira Rodrigues, por ter acedido ao convite que lhe foi feito para presidir à comissão executiva da Exposição Industrial, que se pretende levar a efeito, em Guimarães, no próximo ano.

O sr. presidente relatou o resultado das diligências que efectuou em Lisboa, no que respeita às facilidades e possíveis subsídios para essa Exposição e ainda do prometido incremento que deverão tomar os trabalhos do restauro dos Paços dos Duques de Bragança e da Igreja de S. Domingos, além de outros melhoramentos a iniciar e de que muito beneficiará a nossa Terra.

Carta a uma Senhora

Minha Senhora

Se a memória de V. Ex.ª se conservar com aquela frescura que eu suponho, ainda se deverá recordar de que um dos assuntos de uma das minhas primeiras cartas foi o flagelo do frio, esse martírio que provoca tantas vítimas sem dó nem piedade. E' uma tortura da vida a que anda aliado um sofrimento que se torna digno da maior compaixão, porque, nem de dia nem de noite, deixa de apoquentar quem não puder combatê-lo, melhor ou pior.

Pois bem, minha Senhora, recordemos novamente esse flagelo, visto que ele já se vai fazendo sentir, embora, por enquanto, em escala mais ou menos moderada, o que não quer dizer que, de repente, essa moderação se transforme em acelerado abaixamento de temperatura e, então, comforme tem sucedido nos anos anteriores, o cenário de miséria resultante da falta de agasalhos passará a tornar-se cada vez mais arripiante e mais doloroso para quem o principiar a sentir e, com certeza, não deixará de produzir os seus efeitos na sensibilidade da Caridade, sobretudo por parte de todas as pessoas que não têm o coração tão duro como as rochas mais consistentes.

Falo-lhe em coração duro, minha Senhora, uma vez que, infelizmente, essa qualidade se encontra em algumas pessoas que, podendo praticar grandes acções de reconhecida benemerência, nada fazem em benefício dos seus semelhantes que nada mais conhecem neste mundo do que as mais trágicas e mais impertinentes agruras da vida.

E' para estes que o flagelo do frio se apresenta como algoz tirano e impenitente, capaz, por isso, de conduzir ao mais cruciante desespero as suas vítimas.

Em face de tais circunstâncias, coloquemos o nosso coração ao dispor desses infelizes e proporcionemos-lhes um poucochinho de conforto, a fim de que o seu martírio seja também um poucochinho mais suave. Quer por nós, quer por intermédio de pessoas nossas amigas, não deixemos de patrocinar a sublime *Obra de Misericórdia* de vestir os nus, tanto mais que, como já referi, se trata de minorar um sofrimento a que não nos devemos manter indiferentes.

Diz-se, com clarividentes motivos, que «*Deus dá o frio conforme a roupa*» e de facto, minha Senhora, o cenário que presenceamos na quadra mais fria do ano, em que vemos muitas crianças e muitos adultos com uns simples farrapitos em cima do corpo, chega a convencer-nos de que assim é. Além disso, igualmente não têm um lar com o mínimo de conforto, em todos os sentidos, razão por que a sua vida não passa de privações, de tristezas e de sofrimentos de toda a espécie.

Oxalá, pois, que as boas almas e os bons corações se compadeçam desses desgraçados que — quer queiram quer não os que os desprezam — são membros da mesma família do género humano a que todos pertencemos.

A V. Ex.ª, peço que me desculpe este *pequeno alvoroço* de lamúrias, mas fico convencido de que estas minhas considerações não lhe repugnarão atendendo à devoção que lhe merece a nobilitante Cruzada da Caridade, clara demonstração dos bons sentimentos de que é dotada, embora a justiça nem sempre se encontre no pensamento e nos lábios de quem a deturpa. Enfim, Deus lá está!...

De V. Ex.ª
Cd.º Ven.or e Obg.º

Novembro de 1952.

X.

Igreja de S. Domingos

Sabemos que, por motivo do telegrama que lhe dirigiu em nome dos paroquianos de S. Paio, o sr. dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira, Presidente da Junta da Paróquia, S. Ex.ª o Presidente do Conselho de Ministros oficiou àquela Autoridade, solicitando alguns esclarecimentos sobre as obras de restauro da igreja de S. Domingos, sede da mencionada freguesia, que tem como Pastor bem querido e por todos respeitado, o Reverendo sr. Padre Luís Gonzaga da Fonseca.

Verifica-se que a celebração das Bodas Paroquiais, levada a efeito pelas Corporações Religiosas de S. Paio, com o aplauso de todos os paroquianos e até da própria cidade, começa a resultar benefícios que muito nos apraz registar, felicitando-nos e felicitando todos quantos de algum modo contribuiram para os bons resultados que se virão a colher.

A subscrição para o PAVILHÃO DOS TUBERCULOSOS

tem tido um carinhoso acolhimento

A Comissão Municipal de Assistência, no seu firme e louvável propósito de realizar uma obra que fique a assinalar os sentimentos de bem-fazer da nossa gente, tem percorrido vários pontos do concelho e batido à porta dos seus habitantes, a solicitar donativos para a construção do Pavilhão para Tuberculosos, que se levantará junto do modelar Hospital da Misericórdia de Guimarães.

Pelo que nos têm dito e também pelo que nos tem sido dado apreciar, o acolhimento, que começou pelo compreensivo centro industrial do Pevidém, onde as portas da generosidade nunca se fecham, tem sido deveras animador, sendo já bastante elevada a soma de dinheiro recebido para a realização desse belo empreendimento.

Com viva satisfação registamos o facto e louvamos todos quantos se têm esforçado em prol dessa obra dignificadora e da mais pura solidariedade humana.

Serão de Saudade

Activam-se os preparativos para que a festa de homenagem ao sr. A. L. de Carvalho atinja aquele brilho que os antigos alunos das Escolas Centrais, desta cidade, desejam imprimir-lhe e que o autor do «Auto das Flores» bem merece.

A comissão organizadora deste atraente serão pede a todas as alunas e alunos inscritos a fineza de comparecerem na próxima 2.ª-feira, 24 do corrente, pelas 21 horas, no salão nobre da Associação Artística, afim de se dar início aos ensaios das várias poesias e canções que vão ser exibidas no palco do Restaurante Jordão

O programa da festa é o seguinte:

A's 9,30 horas — Concentração na sede da Associação Artística;

A's 10 horas — Missa, na Igreja da Colegiada, em sufrágio das almas dos alunos falecidos;

A's 11 horas — Romagem ao túmulo de Luís Filipe Gonçalves Coelho, ensaiador e intérprete do «Auto das Flores»;

A's 20 horas — Jantar de confraternização e de homenagem ao sr. A. L. de Carvalho, autor do «Auto das Flores», no Restaurante Jordão;

A's 22 horas — Várias poesias e canções do inesquecido Auto, pelas alunas e alunos que há um quarto de século o interpretaram, com a colaboração de um terceto, sob a direcção de António Guise.

Nota: As antigas alunas e alunos que, por qualquer motivo, ainda não se inscreveram, podem apresentar a sua inscrição até ao dia 25 do corrente, na «Foto-Cine», ao Largo da Oliveira — Telefone, 4122.

«O Desforço»

Este nosso prezado colega que se publica na visinha vila de Fafe e que foi fundado e dirigido até há bem pouco tempo pelo espírito lúcido e inteligente de Artur Pinto Bastos, sendo agora orientado, dentro dos mesmos processos de correcção e de bairrismo que foram seu apanágio, pela nossa ilustre camarada sr.ª D. Isaura Lusitana Pinto Bastos, festejou no dia 20 o seu 60.º aniversário, tendo publicado um número especial e belamente colaborado.

Felicitamos, na pessoa da sua Directora, o estimado colega e fazemos votos pela continuação de suas prosperidades.

«O EDECETRA»

Continuação da 1.ª página

rialistas, no devassar curioso e intruso do ambiente de alcovas, a horas mortas... Maníaco. Dois problemas psíquicos que nos absorvem e dominam numa análise que vai até ao brilho do dissertar científico, embora sucinto.

«Nas Fogueiras de S. João» é uma súmula de sonhos, de versatilidade introspectiva, aleluia melancólica da alma, ladaínha da saudade, litania do desejo, êxtase que fenece, que morre como a luz sanguínea do ocaso. O imponderável. O incerto.

«No Duro Pertrânsito» as cenas multiplicam-se, as imagens sucedem-se, nimbadas pela luz do realismo ingente, num punhado de quadros de miséria moral e social. O drama de Isabel, no crime do seu amor e do seu pecado, faz-nos lembrar certa passagem de «Amok».

Os fautores do drama universal e humano, que abala os corações e as consciências, que neurasteniza os povos, que narcotiza as almas no veneno e na volúpia do ódio, têm em «Uma estranha consulta» um formidável libelo acusatório.

Impossível nos é, pela falta de espaço e pelo tumulto da vida, um estudo mais pormenorizado e profundo a este livro admirável do dr. Eduardo d'Almeida.

Outros o farão, por certo, com maior brilho e poder de penetração, destacando as superiores qualidades do escritor e do estilista e vernaculista notável.

S. M.

Santa Casa da M. de Guimarães

Sessão de Mesa de 7 de Novembro

Sob a Presidência do Provedor, sr. Mário de Sousa Meneses, reuniu a Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia.

— Foi resolvido proceder-se à inauguração do novo Pavilhão destinado ao internamento de doentes infecto-contagiosos, no dia 8 do próximo mês, pelas 15 horas. Igualmente foi resolvido que o mesmo Pavilhão passe a denominar-se: «Pavilhão de Nossa Senhora da Conceição».

— A Mesa resolveu pedir orçamentos para instalação de uma lavandaria e respectivo Hidro-Extrator, a fim de tornar mais higiénico e mais rápido esse serviço de limpeza.

— A Mesa lamentou o facto de não se ter realizado a Procissão de Finados, no dia 1, em virtude de não ter comparecido número de Irmãos para esse efeito, não obstante lhe ter sido feito convite individual.

— De acordo com dois dos inquilinos do prédio da Rua Egas Moniz, foi alterada a renda em consequência de benefícios que o prédio recebeu.

— Foi exarado na acta um voto de pesar pelo falecimento do Irmão e antigo Vice-Provedor desta Santa Casa, sr. João Rodrigues Loureiro.

— Foram registados, com muito reconhecimento, os seguintes donativos:

Da Firma Bento dos Santos Costa & C.ª Ltd.ª, em sufrágio da alma do seu sócio, sr. João Rodrigues Loureiro 1.500$00; do sr. António de Araújo, (Costeado), 25 colmeiros de palha; do sr. Francisco Fernandes Guimarães, 15 colmeiros.

— Antes de encerrada a sessão, o Mesário sr. Padre Luís Gonzaga de Sousa Fonseca agradeceu, reconhecido, a deliberação que a Mesa tomou em sua anterior sessão referente à celebração das suas Bodas de Prata Paroquiais.

Agradecimento

A esposa e filhos do falecido Joaquim Gonçalves (Fouces), agradecem, por este único meio, a todas as pessoas que os cumprimentaram por ocasião do doloroso transe que os enlutou, protestando-lhes o seu eterno reconhecimento.

Guimarães, 20 de Novembro de 1952. 454

Dos Livros

«O Primeiro Beijo de Minerva» e *«Lágrimas do Deserto»* = de *Lusíadas de Carvalho.*

Já nos referimos, há pouco, ao autor, a propósito de outras obras publicadas e que tivemos o prazer de conhecer pela amável oferta que nos fez.

Não vamos, evidentemente, emitir um novo juízo, que não teria qualquer justificação, já pelo escrúpulo crítico que nos serve de norma, já porque os livros de Lusíadas de Carvalho, que agora acabamos de ler, se colocam no mesmo plano da nossa anterior análise.

O autor é um poeta místico, por excelência. Canta Deus, a Fé, o Amor — tudo o que agita o seu sentimento elevado de apóstolo. Poesia vigorosa, filosófica, construtiva.

Lusíadas de Carvalho dá-nos bons sonetos e estrofes cheias de harmonia, algumas das quais pecam, apenas, pelo excesso de *originalismo* que o autor de «Vulcões... Nevões...» e «Novos Versos» lhes empresta, embora com plausível expressão poética.

Poeta de recursos indiscutíveis, L. de Carvalho em «O Primeiro Beijo de Minerva», também revela um insinuante lirismo, com um conhecimento exacto dos problemas espirituais do Homem.

Algumas poesias são verdadeiras orações e preces.

.....
O' voz da minha noiva! ó pensamento!
O' doida borboleta, a prelibar
O' nectar do que sou:
— Sombra e lamento!
.....
Arde em minha alma a ânsia de saber,
Algo de sobrehumano à própria vida.
.....

«Cântico dos Cânticos» deixa-nos na alma os ecos de uma sonoridade estranha...

Edições do autor, a quem agradecemos as ofertas.

S. M.

COZINHA ROTÁRIA

«Tome doze meses bem maduros, que estejam isentos de recordações amargas, ódio ou rancor; limpe-os de malevolência e de qualquer mancha mesquinha. Em resumo, veja que nestes meses não reste nada de ruim do passado e tenha-os à mão tão frescos e limpos como quando sairam do grande armazém do Tempo. Corte estes meses em trinta ou trinta e uma partes iguais. Prepare, dia por dia, da seguinte forma: Ponha em cada um deles doze partes de fé, onze de paciência, dez de entusiasmo, nove de trabalho (algumas pessoas esquecem este ingrediente, com prejuízo do sabor dos demais), oito de esperança, sete de fidelidade, seis de liberdade, cinco de amabilidade, quatro de descanso, três de oração, duas de meditação, e uma resolução bem tomada. Junte uma colherinha de alegria, um pouco de diversão, um pedacinho de simplicidade e uma taça bem cheia de bom humor. Junte a tudo isto amor e misture bem. Cozinhe em fogo forte, enfeitando-o com sorrisos. Depois sirva-o com calma, altruísmo e boa vontade.»

(Adaptado de uma «Receita para um ano feliz», do Rotário Raimundo Pereira, do R. C. de Pandura (Ceilão), segundo versão castelhana do R. C. de Buenos-Aires). Transcrito do Boletim do R. C. do Porto.

OQUEI EM PATINS

TAÇA DO MINHO

Vitória 2 — Barcelos 0

Vitória: — Magalhães, Jaime, Xavier, Tonita e Soares.

Barcelos: — Arantes, Manuel, Nunes, Cunha e Vasconcelos.

Triunfo justo dos vimaranenses, que comandaram a partida e criaram oportunidades que lhes poderiam dar uma vitória mais folgada.

Antes do encontro principal exibiram-se as equipes infantis do nosso Club e a do Famalicenses Atlético Club, tendo alguns miudos demonstrado aptidões para a prática deste desporto.

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fazem anos:

No dia 24, o nosso prezado amigo sr. Américo da Cunha Mourão e a sr.ª D. Antónia Ribeiro da Silva; no dia 25, mademoiselle *Maria Lusitana Guimarães Faria Portela, filha da sr.ª D. Maria Aurora Faria Portela e do sr. Eng.º Costa Portela, e o menino João Francisco, filho da sr.ª D. Maria José Veloso Alves Pinheiro e do sr. Joaquim Pereira Leite, do Pevidém, e a sr.ª D. Antónia Dias, esposa do nosso amigo sr. Manuel Dias de Castro; no dia 26, a sr.ª D. Camila Augusta da Silva Teixeira, filha do nosso bom amigo sr. José Teixeira, de Urgezes, e os nossos bons amigos srs. José de Castro, do Pevidém, e António José Mendes de Oliveira; no dia 27, a sr.ª D. Delfina Amélia de Sá Dias Pereira, esposa do nosso bom amigo sr. Humberto Dias Pereira, e o também nosso bom amigo sr. Alberto Joaquim de Freitas Saraiva; no dia 28, a sr.ª D. Laura Otília Marques da Silva e Castro e os nossos bons amigos srs. Joaquim da Silva Eugénio e Agnelo Alves; no dia 30, a sr.ª D. Maria Mendes d'Almeida Gonçalves.*

«Notícias de Guimarães» *apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.*

*

Bispo de Angra — *Faz anos no dia 24, o Venerando Bispo de Angra do Heroísmo e nosso ilustre conterrâneo, Rev.mo Senhor D. Guilherme Augusto da Cunha Guimarães, a quem cumprimentamos respeitosamente e felicitamos.*

*

Almirante Sousa Ventura — *Também passa amanhã o aniversário natalício deste nosso querido conterrâneo e amigo, a quem cumprimentamos, desejando a continuação de uma preciosa saúde.*

*

Cardeal Patriarca — *Passa no próximo dia 30 o aniversário natalício de Sua Eminência o sr. Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, a quem «Notícias de Guimarães» cumprimenta respeitosamente.*

*

No passado dia 20 fez o seu 1.º aniversário o menino Luís Mário, filho do nosso amigo sr. Luís Portocarrero Ferreira e de sua esposa a sr.ª D. Maria Margarida Simões de Sousa Meneses. Muitos parabéns.

Partidas e chegadas

Esteve com sua esposa e filha nesta cidade e deu-nos o prazer da sua visita o nosso querido amigo sr. dr. António Paúl, médico no Porto.

— Com sua esposa e depois de ter passado uma temporada na Estância da Penha, regressou ontem a Vila Nova de Gaia o nosso prezado amigo e distinto colaborador sr. Delfim de Guimarães.

— Regressou desta cidade à sua casa da Foz do Douro a sr.ª D. Valdemira dos Prazeres da Silva Penafort Bastos.

— Regressaram de Lisboa os nossos prezados amigos srs. José Maria Machado Vaz, José Alberto Pimenta Machado, Albano M. Coelho de Lima e João Dias Pinto de Castro.

— Com sua esposa partiu para Lisboa o nosso prezado amigo sr. José Machado Teixeira.

— Com sua esposa esteve nesta cidade o nosso bom amigo sr. Eduardo Pizarro de Almeida.

— Com sua família regressou da Quinta de S. Caetano, desta cidade, a Lisboa, o nosso querido amigo sr. dr. Fernando de Matos Chaves.

— Com sua esposa tem estado nesta cidade o sr. Eng.º Augusto César Justino Teixeira, delegado da Junta de Exportação de Cereais de Angola.

— Esteve entre nós o nosso prezado amigo sr. Coronel António Quadros Flores.

— Regressaram de Lisboa os nossos prezados amigos srs. António Alberto Pimenta Machado e José Rodrigues Guimarães.

— Com suas esposas e com demora de poucos dias partiram para Madrid os nossos amigos srs. Inácio Ferreira da Costa, António Lage Jordão e António Teixeira de Sousa.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso dando à luz uma criança do sexo masculino, a sr.ª D. Maria da Conceição Castro, esposa do nosso bom amigo sr. Abílio Plácido Pereira.

Os nossos parabéns.

Doentes

Tem passado doente o nosso prezado amigo sr. Simão Costa, a quem desejamos rápidas melhoras.

— Já se encontra restabelecido o nosso prezado amigo sr. Jacinto José Ribeiro.

Falec. e Sufrágios

Serafim Marques da Silva Lopes

Confortado com todos os sacramentos da Santa Madre Igreja faleceu na sua casa da Torre, em S. Clemente de Sande, o estimado proprietário sr. Serafim Marques da Silva Lopes, pai do sr. Manuel da Silva Lopes, e cunhado dos srs. José Ribeiro de Abreu e Adelino Ribeiro de Abreu.

O seu funeral realizou-se com grande acompanhamento naquela freguesia.

A toda a família dorida apresentamos sentidas condolências.

D. Maria Moreira Gomes

Em Vilarinho (S. Martinho do Campo), Santo Tirso, finou-se a sr.ª D. Maria Moreira Gomes, mãe dos srs. Arnaldo de Abreu, industrial naquela freguesia, António Joaquim Domingues e Casimiro Abreu, irmã do sr. António Moreira Gomes, industrial em Gandarela, e tia dos srs. Belmiro, José, Joaquim, Amadeu e Armando Moreira Gomes, também industriais em Lordelo, e da sr.ª D. Felícia Gomes de Castro da Cunha Machado.

O seu funeral efectuou-se com numerosa concorrência na sexta-feira.

A' família dorida apresentamos condolências.

Missa de sufrágio

O pessoal da Fábrica de Malhas de Santa Luzia, manda celebrar, na igreja da Misericórdia, na próxima segunda-feira, 24 do corrente, pelas 8 horas, uma missa em sufrágio da alma do saudoso António Vaz da Costa Marques, que foi seu bondoso e dedicado Patrão.

De luto

Pelo falecimento da avó de sua esposa, ocorrido há dias na Lixa, guarda luto o nosso prezado amigo sr. António Alberto Pimenta Machado, a quem apresentamos condolências.

— Guarda luto pelo falecimento de uma sua irmã ocorrido em Joane, o nosso bom amigo sr. Abílio José Pimenta, de Cerzedelo.

Os nosso pêzames.

Vida Católica

Aniversário das almas

A Irmandade das almas, erecta na Basílica de S. Pedro, realiza no próximo dia 30 do corrente, pelas 11 horas, o aniversário das almas do purgatório com missa cantada e liberamé. Na véspera haverá, às 8 horas, missa por todas as almas do purgatório.

A mesma Irmandade manda celebrar no 1.º de Dezembro a missa estatutária pelas 8,5 horas, em honra de Santo André, um dos Padroeiros das almas do purgatório.

Novena da Imaculada Conceição

No sábado, 29 do corrente, começa na igreja de S. Dâmaso, a novena da Imaculada Conceição, com o seguinte programa:

A's 9 horas precisas, Missa com recitação do terço entremeado com cânticos e distribuição da sagrada comunhão.

A's 9,30 horas, Novena pròpriamente dita com Exposição privada do Santíssimo, meditações, Fota Pulchra, ladaínha de Nossa Senhora e Bênção Eucarística.

Lausperene na Igreja do Carmo

A fim de tudo regular, a actual Comissão Administrativa da V.O.T. do Carmo, devido aos escassos rendimentos para satisfazer à pesada obrigação de realizar um lausperene semanal instituido pelas sr.as D. Josefa Maria Vaz Moreira e Marquesa de Lindoso, requereu ao Prelado a redução deste encargo. Sua Ex.a Rev.ma deferiu o requerimento com as seguintes cláusulas: 1) Mandar celebrar cinco missas pelas intenções das fundadoras a fim de sanar as faltas passadas; 2) realizar um lausperene mensal de uma hora, com missa nesse dia, pelas intenções das fundadoras do legado.

Para dar imediato cumprimento ao referido despacho, o lausperene será realizado no 3.º domingo de cada mês durante o inverno das 16 às 17 horas. No mês corrente terá lugar hoje, domingo, dia 23, à mesma hora.

Espera-se o máximo interesse da parte de todos os Irmãos a fim de se celebrar com toda a solenidade este lausperene. Daqui para o futuro será esse o dia da reunião mensal dos Irmãos preceituado pelo ritual da Ordem e que há muito não se vinha fazendo.

Venerável Ordem Terceira de S. Domingos

Sob a presidência do seu Vice-Prior em exercício sr. Francisco Pereira da Silva Quintas, reuniu a Mesa Administrativa desta Ordem, que mandou exarar na acta votos de pesar pelo falecimento dos N. I. Leopoldina da Conceição Teixeira, João Paulino Oliveira Bastos, Joaquina Martins e pelo N. I. Benfeitor Joaquim de Sousa Pinto. Tomou conhecimento do expediente e tratou de vários assuntos de interesse para a Ordem. Foram autorizados vários pagamentos e tomou conhecimento dos seguintes donativos dos benfeitores: dr. José Rebelo Barbosa, 2.000$00; D. Maria Manuela Folhadela de Melo da Costa Guimarães, 500$00; D. Joana Emília Ascenção Leite Lemos Freitas Ribeiro, 400$00; Engenheiro Agostinho Fernandes Guimarães, quinze colmeiros; D. Laurinda Ramos Martins Fernandes, 2 alqueires de feijão; António Araújo, um garrafão de vinho doce para os Asilados e 20 colmeiros. A Mesa tomou conhecimento da conclusão das obras no Banco do Hospital, feitas com os operários do Mesário sr. Francisco Pereira da Silva Quintas tendo este ainda oferecido vário material e 524$00 em dinheiro, e o sr. Comendador Alberto Pimenta Machado, 896$80.

Diversas Notícias

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Barbosa, ao Largo do Toural, Telef. 40184.

Promoção

O sr. José Feliciano Plácido Pereira, copista da Secretaria Judicial, foi promovido a escriturário de 2.ª classe da mesma secretaria.

Concurso para Juiz

Nos concursos para Juizes de Direito, realizados recentemente em Lisboa, obtiveram honrosa classificação, os Delegados do Procurador da República nesta cidade e em Barcelos, srs. drs. Joaquim José Brenha Ordonhas e Júlio Carlos Gomes dos Santos, que no meio vimaranense contam muitas simpatias.

Julgamento

No Tribunal Judicial desta comarca foi julgado Avelino Rodrigues, o «Melhoria», solteiro, de 24 anos, pedreiro, acusado de ter entrado na igreja da freguesia de Donim, deste concelho, furtando, fraudulentamente, a quantia de 250 escudos, existente em caixas de esmolas.

Provou-se o crime de que o réu era acusado, motivo pelo qual o Tribunal o condenou na pena de 3 anos de prisão correccional e em igual tempo de multa a 15 escudos por dia; em 500 escudos de imposto de justiça e na indemnização de 300 escudos ao pároco da freguesia.

Queda desastrosa

Por motivo de uma queda dada na sua residência, fracturou a perna esquerda a sr.ª D. Joana de Freitas Ribeiro, mãe dos srs. dr. Ricardo, João, Eduardo e Manuel de Freitas Ribeiro, e sogra do sr. dr. Carlos Saraiva, que recolheu ao Hospital da Misericórdia. Desejamos as melhoras da bondosa enferma.

Academia Vimaranense

Foi eleita a Mesa da Academia Vimaranense, que ficou assim constituida: Presidente, Manuel António de Sousa Marques; Secretário, António Gomes da Costa; 2.º dito, Sérgio de Magalhães; Tesoureiro, Fernando Marques; Vogais, António de Castro e Feliciano Caldas.

Furto de materiais

O sr. Agostinho Guimarães, casado, industrial, na qualidade de sócio gerente da firma Sociedade de Calçado Globo, desta cidade, queixou-se à polícia de que lhe furtaram materiais de calçado, tendo indicado nomes de supostas pessoas envolvidas no assunto.

Está a chegar a quadra mais própria de V. Ex.ª pagar a sua dívida de gratidão:

"O NATAL"

Se deseja presentear alguém, dirija-se a um estabelecimento da Rua de Santo António, que lhe apresenta, entre vários artigos, as mais recentes criações em objectos próprios para brinde.

Essa casa chama-se

A IMPERIAL

Rua de Santo António, 32-34

Telef., 40157

GUIMARÃES

446

Ofertas e Procuras

IRENE RODRIGUES

(Modista)

Especializada em corte de casacos e tailleurs.

Rua Conde Arnoso, 3-1.º-D. Bairro das C. de Prev. — Guimarães.

DROGARIA

Por retirada do seu proprietário, aceita-se sócio gerente ou passa-se, num dos melhores locais de Braga. Dão-se facilidades.

Resposta urgente à Redacção às iniciais F. V. 447

QUARTOS — Alugam-se

Confortáveis, bem situados e higiénicos. Bons preços e seriedade. Nesta Redacção se informa. 450

Vende-se

Mobília de sala de jantar, em castanho e óptimo estado.

Informa esta Redacção. 452

TEM FRIO?

Compre agasalhos na Camisaria Martins e Casa Jaime.

O maior sortido em casacos, gilets, pulowers, camisolas, ceroulas, meias; peúgas de lã, vestidinhos, toucas, cache-cols, luvas de lã, calçado de agasalho, tudo para homem, senhora e criança. Lãs em fio, só na Camisaria Martins e na Casa Jaime, ao Toural. 328

Teatro Jordão

HOJE, D'S 15 E 21 HORAS

APRESENTA

O maior alarme de riqueza espectacular e vibrante acção como jamais o cinema nos tem dado!

Os Filhos dos Três Mosqueteiros

com *Cornel Wilde* e *Maureen O'Hara*

Luxo! Grandiosidade! Romance! Aventura!

TERÇA-FEIRA, 25 — D'S 21 HORAS

A versão cinematográfica da famosa obra de *Rudyward Kipling*!

K I M

com *Errol Flynn - Dean Stockwell*

Uma película cheia de aventura e romance, filmada na India!

QUARTA-FEIRA, 26 — D'S 21,30 HORAS

A Companhia Folclórica Brasileira com a Revista: **ACHO-TE UMA GRAÇA!...**

QUINTA-FEIRA, 27 — D'S 21 HORAS

HOMEM DE DOIS MUNDOS

com *Tyrone Power* e *Ann Blyth*

Uma aventura sensacional que tem como protagonista um homem que vive em duas épocas e em dois mundos longínquos e diferentes!

SÁBADO, 29 — D'S 18 E 22 HORAS

445 *Em Sessão Popular*

A Conquista da SANTA FÉ

Notícias de Guimarães n.º 1000 — 23-11-1952

COMARCA DE GUIMARÃES

Secretaria Judicial

ANÚNCIO

1.ª publicação

Pelo Juizo de Direito desta comarca e segunda secção de processos da Secretaria Judicial, nos autos de falência em que é falido Manuel da Silva, casado, industrial, residente à rua Abade de Tagilde, desta cidade, correm éditos de oito dias a contar da segunda e última publicação deste, citando os credores e falido, para dizerem o que se diz oferecer acerca das contas apresentadas na referida falência, pelo administrador da massa falida.

Guimarães 15 de Novembro de 1952.

O Chefe da 2.ª Secção

Maurício da Ponte Machado.

Verifiquei

O Juiz de Direito, 442

Lobo e Silva.

Anuncial no NOTÍCIAS DE GUIMARÃES

Peregrinação pelo Termo de Guimarães

"A história do povo é a história das instituições municipais"

Gama Barros.

A' Ex.ma Câmara Municipal

24) Of. EDUARDO DE ALMEIDA.

Herculano, que escrevera ser o pagar ou não pagar ao fisco a principal característica da diferença entre o povo e a nobreza (e pode acrescentar-se — da espada ou da igreja —), em nota a certa freguesia, mencionada nas Inquirições de Dom Dinis, aponta o facto de: «um fidalgo que, por compra, nobilita dois prédios vilãos, um afosseirado, outro de herdador peão, e defrauda a fazenda pública, facto trivialíssimo nas Inquirições», por deixar de pagar o foro. (Nota V, Livro VII, da *História de Portugal*). Entre outros casos semelhantes, cujo exemplo demonstra remontar o abuso como costume já a 1220, (e assim o notou *Gama Barros*, com a citação de vários exemplos, no cap. I do Tit. VI, vol. VII, a pág. 350 da nova edição) temos os nestas apontados em *Prazins*: assim, de uma propriedade que fôra de Ruxo, em Santa Eufémia, e pagava uns tantos cubitos pela fossadeira, desde que certa porção dela foi comprada por um Johannes Petri Verba, de tal porção não mais se deram os cubitos; do casal de Bafaul, em Santo Tirso, de que se cobrava *j. cubitum*, comprou um terço Johannes Anriquiz e desse terço não mais se pagou o cubito; em Santa Eufémia, a herdade dos filhos de Pedro Mouro, sujeita a fossadeira, voz e coima, passou aos *frates Hospitalis «et postea nichil dedit»*, nem mais um soldo; o mesmo acontecendo com a de Pedro Savariguiz quando passou para Santa Maria de Vimaranes. A's vezes as coisas levavam outra volta: o casal de Mateu, em Santo Tirso (de Prazins) era de Santa Maria de Vimaranes: o Prior Dom Pedro Amarelo deu-o em prestimónio a Pedro Coroa, que o usufruiu em vida, passando para um seu filho Dom Pedro Petri; e, quando o novo Prior Dom Didaco, se quis reapossar dele, o Pedro Petri sai-lhe com esta: *«dixit quod est regalengum»*, que ele era reguengo, ou bem da coroa. Lá encontramos os ricos, homens de avultados bens, como certa *domna Stephania*, a que já vimos referência (se é, como suponho, a mesma que se menciona em diversos lugares, citados na *Hist. da Adm. Púb.*, de *Gama Barros*) ou a *domna Onega*, os *Rochelas* e *Rupelas*, um *Petrus Petri de Arguzaes*, com rendimentos seguros naquelas duas *Prazins* em S. Lourenço de Ripa Selho... (veja-se nota (1) a pág. 281 do vol. VII da *Hist. da Adm. Púb.*) e em *Randufi*: Nesta freguesia, onde o Rei era senhor de cinco casais, destes recebia a terça, a quarta dos que não regavam, e, no primeiro ano, a quinta dos cultivados de novo, além de *pro direturis*. Nas *Sandes* encontramos mais casos da *offretione*, dádiva ou luvas, como escrevem *Herculano* e *Gama Barros*, recebida pelo Maiordomo; de novos rendimentos do *Pretor Vimaranis*, que era, então, *Martinus Gunsalviz*; do prestimónio daquele já nosso conhecido *domnus Petrus Petri*, e o caso de, em cinco casais da igreja de Santa Maria de Vila Nova de Sande, que pagavam ao Rei uns tantos bragais, neles descontavam uns tantos cubitos *pro carsitel* (alardo, grito de socorro: de onde ser lícito supor-se que lhes caberia a obrigação do serviço pessoal do alardo ou alarme em caso de se tornar necessário fazê-lo, ou em caso de perigo ou na convocação dos homens para a defesa, serviço militar, etc.), sendo certo que uns tantos cubitos se cobravam de um sexto casal *pro fossadeira*.

A caracterizar as prestações agrárias e as miunças ou direituras, dá *Gama Barros* como exemplo: «Também chamavem direituras às miunças que pagavam às Ordens os seus casais. Pentencia ao mosteiro de *S. Torcato* um couto, onde existiam trinta e sete casais que lhe pagavam «rationem et directuras.» (Obra e vol. cits., pág. 297). Já o Rei apenas recebia dos casais, que tinha extra couto, a sua renda agrária e direituras. Havia, ainda em S. Torcato, dois regalengos em prestimónio, um de *Alfonsus Roderici miles*, militar, e outro de *Petrus Roderici capelanus domini Regis*, capelão real; os casais regalengos de Sagadi (Segade), além do foro ao Mordomo de pão e quinze frangos, pagavam-lhe denarios quando dividiam a colheita ou messe, como os homens e herdadores de Mozechi (Mogege) que a cultivavam, por isto lhe pagavam também dinheiros. O Prestameiro e o Maiordomo (e mencionam-se dois: Dominius Petri e Pelagio Petri) pousavam nos mesmos casais, acrescentando-se: *«Et est pausa Maiordomis, et dant ei vitam qualem habet»*, ou seja que, além da pousada ou hospedagem, os Maiordomos tinham direito a receber vitualhas (vida, almeitiga ou meitiga, andam nas Inq. com tal sentido), consoante sua pessoa e seus hábitos. Os homens de outro casal tinham a obrigação de tratar das ramadas reais.

Don Gomez de Rocha aparece-nos como tendo em prestimónio um dos três casais e meio que o Rei possuía em *Selho* (S. Cristóvão), que, além da terça do pão e da metade do vinho, tinham como direituras um bragal, teiga de trigo para a fugaça, espátula com almude de vinho e castanhas, queijo, capão, frango, ovos e leitão; dos outros dois, que levavam a renda ao celeiro real, era esta constituída pela terça de *Outuno* e metade do milho e metade do vinho; de *Lovegildi* (Novegilde) davam para a fossadeira dezassete cubitos, pelo foro um sextário de trigo, duas espátulas com taliga ou teiga de castanhas e *quarta* de vinho e dois cabritos. Menciona-se um casal que fôra de domna Anais. Como em outras freguesias se fala nos Mordomos da terra e do pão (por exemplo em S. Torcato: «Et Menendus Neto, et Pelagius Pelagiz, et Petrus Oculo, fuerunt *Maiordomos de terra et dé pane*», nesta de Selho se lhe chama o *Maiordomo de panis*. Dois casais pagavam teigas de aveia. Em S. Jorge (de Selho), tinha prestimónio o Judex de Vimaranes, como o Mordomo *offrecione* numa *senaria* regalenga, além de outras dádivas em diversos casais, sendo para notar a referência ao *Maiordomus pradum*: pagavam *entradas* em Paleira e outras herdades, estas de Santa Maria de Vimaranes. Em S. Lourenço (de Selho), que era então Ermida de S. Lourenço de Riba Selho, menciona-se uma herdade que fôra de *Martino Lauredo* e seus irmãos. Aquele já nosso conhecido Petrus Petri Arguzaes facilitava terras de seu prestimónio para plantio de vinhas, cobrando como foro uma terça do vinho.

Continua.

De Guimarães a Aveiro

O grupo excursionista *Alma Vimaranense*, sob a presidência do sr. António de Oliveira e Silva, visitou a cidade de Aveiro. Foram recebidos os seus componentes nas sedes dos clubes locais, *Galitos* e *Recreio Artístico*. A cada uma destas colectividades o grupo excursionista ofereceu um quadro a óleo, mostrando um, o Castelo, e outro a Colegiada.

As respectivas Direcções dispensaram ao grupo vimaranense uma amável recepção. Encarregou-se dos cumprimentos por parte do clube dos *Galitos*, o sr. Juiz Desembargador Jaime Dagoberto de Melo Freitas.

Havendo tomado parte neste passeio o nosso ilustre conterrâneo sr. A. L. de Carvalho, coube-lhe o encargo de corresponder à recepção, em nome do Grupo excursionista.

* * *

O programa deste passeio cultural e recreativo foi o seguinte:

Visitas ao Museu Regional; Base Aérea de S. Jacinto; praia da Costa Nova; fábricas de cerâmica Vista Alegre e Aleluia; passeio em barco gazolina pela Ria; almoço no parque Muranxel; visita ao parque e monumentos da cidade.

Tanto na ida como no regresso, visitaram-se lugares pitorescos e santuários de fé.

Foi amável cicerone na cidade de Aveiro, o sr. João Evangelista de Campos, distinto aveirense que goza na sua terra da mais distinguida consideração.

No clube dos Galitos foi lida a seguinte poesia:

Saudação a Aveiro

Guimarães. O Berço. Terra do meu carinho!
Como a ave, digo sempre bem do meu ninho.
Oh! mas este amor distinguido, tão dilecto,
Não se fere de ciumes. Eu dou afecto,
Enfloro, engrinaldo em iris de beleza,
A Pátria nossa; toda a Terra Portuguesa!
Guimarães tem meu amor primeiro?
Sim. E porque não amar vossa terra-Aveiro?
Creiam. Dou-lhe simpatia. E sinto saudade,
D'alguns dias que aqui passei na mocidade.
O' doirada gôndola da minha fantasia,
Singra, veleira, nas águas mansas da Ria!
Deixa-me ver na mística luz dos poentes,
Sonhos, de mim há tanto tempo ausentes,
Róseas quimeras qu'eu teimo em recordar,
Como se a mocidade pudesse voltar!...
O outono chegou. Inda assim, tenho presente,
Lembranças desta boa terra e sua gente.

Onde está o homem, de varino encapusado,
Pé descalso, esfingico, ensimesmado,
Ali na ponte, na borda d'água, à beirinha,
Pescando — quem sabe! — esperanças à linha?...
E quem me dá notícias d'antiga tricana,
Tão discreta no sorrir, no olhar soberana?
A saia era comprida; um pouco rodada;
Outra por baixo, clara, fresca, rendilhada.
E para que das rendas se visse o primor,
A orla da saia levantava... com pudor.
A chinelinha, tão leve no seu andar,
Alva meia mostrava, sempre a rebrilhar.
Seus cabelos — como nossas avós usavam —,
Faziam trança; e em bandós se apartavam.
O lenço, formando touca, lhe emoldurava
O rosto. Palminho de cara tão 'spressivo,
Que da luz dos olhos nos deixava captivo!
Seu chaile, ponteagudo, a toda a altura,
Fazia avultar inda mais sua figura.
Ai, como era linda a antiga tricaninha,
Cingida ao chaile — o seu manto de rainha!

Mergulho meus olhos na aquática paisagem
Dos canais, onde se liquefaz a imagem
Astral dum infinito, sem ponto ou balisa,
Tão vasado é o horizonte que se divisa.
Na planície das águas singram os barquinhos,
Bordejando entre ilhas verdes, maneirinhos.
Lá seguem rumo, nas pandas asas do vento,
Ao ritmo das marés, em brando movimento.
Olha a bateira «mercantel» em seu maneio,
Almocrevaria do Vouga no granjeio.
Mais além, barcos de proas policromadas,
As «moliceiras» d'algas e juncos pejadas.
Teoria de barcos! A' vela, ao remo, à vara...
Grande tela! como outra igual não se encontrara!
Fluem as águas do mar salgado às campinas,
Rasando d'água as represas das salinas.
E o Sol ardente em sua química integral,
Manipula e cristaliza e produz o sal.
Vêde-o nas eiras, empilhado e luzente,
Numa apoteose de cor alvinitente...

Findou a lida. Já grupos acocorados,
Acendem fogueiras; preparam cosinhados
Ao ar livre, em ordem e paz fraternal,
Como bem ordena o canon regional.
Rico cheirinho, de petisqueira apurada,
Anuncia em apetites a — *caldeirada!*...
Assim por nós se sacrificam as enguias,
Dando-nos gosto, prazer, novas energias!

Há muito que não oiço o pregão marisqueiro,
Lá no Norte: — «*Friesco mexilhão d'Aveiro!*»...
Pac'ência!... P'ra que tu, minha boca te consoles,
Escuta o pregão sonoro dos «*Ovos moles!*»...
Dizei-me. Inda se faz, com larga bizarria,
A entrega do Ramo à nova mordomia?
Era p'la Páscoa. Estralejavam foguetes,
Havia música. E a moçarada, em *derretes*,
Seguia pelas casas dos mordomos eleitos,
Golosando filhoses, vinhos e confeitos.
Logo os pares, enlaçados, amorosamente,
Bailavam; e gracejavam, jovialmente.
Direi ao jeito dos três cardeais à mesa:
— «Ai, como sabe amar a gente portuguesa!...»

Feira de Março. Quermesse grande e ruidosa.
Caudal de gente! Vem os povos da Murtosa,
Angeja, Ílhavo, Estarreja, Ovar,
Todos! Vizinhos e naturais, cá vêm dar.
Gama de trajos, arraial de romaria;
Belo quadro! E lição d'etnografia.

. . . . . .

Contaram-me um dia uma história engraçada;
Não ofende. E vale a pena ser lembrada:
Certos *Galitos*, com asas para voar,
Emplumaram-se, e começaram de cantar.
— Olá!... resmungaram os papás galastrós:
Cá na capoeira, quem canta, somos nós!...

E os *Galitos*, qui-qui-ri-qui, encristados,
Não se querendo ver com seus voos cortados,
Briosos granisés, de vontade decidida,
Bàteram as asas e, partiram... p'ra mais vida!
Agora, ao remo, ao leme, em competições,
Os *Galitos*, tantas vezes são Campeões!...
Bravo!... Seja a vossa equipa a principal,
Para glória do desporto nacional.
Oh! Jamais o vosso Clube seja vencido!
E' a praga que vos roga... um desconhecido.

José 'Stêvão — cívico *orago* da cidade.
Eu saudo o romântico da Liberdade!
Hoje, como há cinquent'anos atrás,
Quero dizer-lhe: — que sou o mesmo rapaz!
De cabeça erguida, em boa formatura,
Sigo o Tribuno. Em mim, seu ideal perdura!

Padroeira de sublimada realeza,
E' para as almas — Santa Joana, a Princesa.
Ai, não se apague da Fé o lume vivo!
Embora desse fervor não ande captivo,
Direi: A santidade, é flor de grande altura!
Transcende beleza moral, bondade, doçura...
Bendigo a Terra que venera seu Tesouro.
Astral relíquia, rebrilhando em luz e ouro!

Passam os filhos da Guimarães antiga,
Nobres pelo Trabalho. E esta nobreza — obriga!
Obrigação de Vos sermos agradecidos,
P'los tratos Vossos, tão lhanos e tão subidos.
Forasteiros, cá viemos por nosso bem!
Suspirosos, queremos ver, sentir a beleza,
Da nossa bem amada Terra Portuguesa.
E creiam. Havemos, breve, d'aqui voltar,
Até lá, até mais ver, — muito saudar!

CURIOSIDADES

Continuando com a nossa tarefa de *coleccionar* «Curiosidades», transcrevemos a notícia que segue:

«DEITOU ESCARAVELHOS NA SOPA DO MARIDO E OBTEVE O DIVÓRCIO...

BERLIM — Pôr escaravelhos na sopa do marido é motivo para divórcio — decidiu, hoje, um tribunal da Alemanha Oriental.

O «Berliner Zeitung», da parte Leste de Berlim, refere-se ao caso de Feder Meier, de 52 anos, que, durante 20 anos de casado, tem sido um coleccionador apaixonado de escaravelhos. Sua mulher, Elsa, que não partilhava do seu amor pelos insectos, considerava um pesadelo as caixas de besouros e baratas que ornamentavam as paredes de sua casa — diz o jornal. Um belo dia, deitou uma mão cheia dos «meninos queridos» de Feder na sopa de rabo de boi, de que ele mais gostava, «para que, por fim, se fartasse dos seus escaravelhos» — declarou.

O tribunal concedeu-lhe, imediatamente, o divórcio — diz o jornal — e a mulher, não se mostrando arrependida, gritou-lhe: «Por fim, podes agora casar com os teus escaravelhos!». — R.»

Embora consideremos *uma sopa de escaravelhos* motivo muitíssimo exagerado para justificar um divórcio, não deixamos, apesar disso, de reconhecer que a *cara metade* do coleccionador dos tais *insectos coleópteros* foi demasiadamente cruel em misturar esses bichinhos com rabo de boi, prejudicando, assim, a integridade do seu lar. No entanto, melhor foi lembrar-se dos escaravelhos do que de coisa pior...

Razão têm os que aspiram a viver na lua, onde ainda não deve ter chegado a praga dos escaravelhos!

RACOLCA.

Minha Senhora!

Para a sua beleza prefira os encantadores perfumes, batons, rouges, cremes, pó d'arrôs e brilhantinas da Casa Jaime. Esta casa é especializada em produtos de beleza. Lindíssimo sortido de meias de vidro e escócia. Luvas de couro, camurça e malha de lã. Interessantes objectos para brindes.

Vendedor exclusivo das Camisas Magna e dos chapéus Guerreiros. Duas marcas que marcam.

Fixe bem, só na Casa Jaime, ao Toural. 430

PULSEIRA

Na Sapataria LUSO, durante a Grande Feira de Calçado, apareceu uma pulseira em oiro, que será entregue, na referida Sapataria, a quem provar pertencer-lhe.

CHEGOU O INVERNO!

Grande sortido de lindos casacos impermeáveis para senhora a 200$00. Casacos de borracha para homem e criança. Zambrenes, Trincheiras e Gabardines, calças, casacos e sobretudos, Galochas e botas altas de borracha, Guarda-chuvas em seda e algodão, baratíssimos. Só na Camisaria Martins ou na Casa Jaime, ao Toural. 429

Notícias de Guimarães n.º 1866 — 23-11-1952

COMARCA DE GUIMARÃES
Secretaria Judicial

ANÚNCIO

1.ª publicação

Por este se anuncia que no dia 13 do próximo mês de Dezembro, por 11 horas, no Tribunal Judicial desta comarca de Guimarães, se há-de proceder à arrematação, em hasta pública, do prédio a seguir designado e pelo maior preço que for oferecido acima do indicado.

PRÉDIO

Um prédio urbano composto de uma morada de casas, com corte e terreno a quintal, sito no lugar de Rio de Passos, freguesia de S. Miguel das Caldas, deste concelho, descrito na Conservatória no livro B cento e dezanove a folhas oitenta e oito verso, sob o número quarenta e três mil e cinquenta e um e inscrito na matriz predial sob o artigo trezentos sessenta e sete, que vai à praça pela quantia de dez mil trezentos sessenta e oito escudos 10.368$00.

Penhorado na execução sumária em que são: Exequente, Joaquim da Rocha, casado, comerciante, de Avintes, e executados, Joaquim Hermenegildo da Cunha e Costa e mulher, da Rua do Campo Alegre, da cidade do Porto.

Guimarães, 20 de Novembro de 1952.

O Chefe da 2.ª Secção

Maurício da Ponte Machado.

Verifiquei

O Juiz de Direito,

Lobo e Silva.

A LOÇÃO "MIN-HÓR"

Conserva a juventude do cabelo; não o deixa enbranquecer — e a quem tenha o cabelo grisalho ou branco em 10 ou 15 dias a loção «MIN-HÓR restitui-lhe a cor que tinha dantes. E' inofensiva.

Vende-se na

FARMÁCIA «HÓRUS»
GUIMARÃES 444

VIDEIRAS

As melhores de entre as melhores, Corriola e Teleki 5 BB para enxertia alta, e Cordifólia 4446/144 para terrenos muito ásperos; magníficas oliveiras da variedade galega e eucaliptos glóbulos em vaso, vende o viveiro dos Moinhos Novos — Casa Cirilo, telefone, 77215 — PÓVOA DE LANHOSO. 414

TIPOGRAFIA "IDEAL"
TELEFONE, 4881 GUIMARÃES

A SAPATARIA LUSO
e as suas BODAS DE PRATA

Os proprietários da Sapataria Luso vêm testemunhar o seu muito reconhecimento e agradecer aos seus Amigos que lhe dirigiram cartas e telegramas de felicitações pela passagem das suas Bodas de Prata, que se solenizaram na última semana, e também agradecem muito penhorados aos seus estimados Clientes e Amigos as demonstrações de simpatia com que os distinguiram. Para todos, o preito da nossa gratidão. 445

Guimarães, 18 de Novembro de 1952.

Joaquim Larangeiro dos Reis & Irmão.

A. GOUVEIA

Reparações Garantidas
(ESTAÇÃO DE SERVIÇO PHILIPS)

Receptores : Frigoríficos : Diatermia : Raio X : etc.

= BOBINAGENS =

Todos os aparelhos vendidos por A. GOUVEIA têm assistência técnica garantida.

AV. CONDE MARGARIDE — TELF. 40436 P. B. X
GUIMARÃES

Agências: Philiphs - Hoover - Shell - Reparações - Acessórios Industriais

BATATA DE SEMENTE

NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

Vende

José Ferreira Botelho & C.ª, L.da

Rua Mousinho da Silveira, 140-1.º — PORTO

Dirijam desde já os seus pedidos ao seu representante 453

Pedro da Silva Freitas
«CHAFARICA»

11 — Rua de Santo António — 13

Telefone, 4225 GUIMARÃES Teleg., Perfeitas

OLIVEIRAS

Plantas sadias bem enraizadas com 2 e 3 anos

VIVEIROS da

Sociedade Agr. da Quinta da Aveleda, L.da

de PENAFIEL

Agradecemos nos consultem

Viveiros situados à margem da estrada

Agentes Transitarios e Camionistas

Encarregam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação. Sua Recolha ou entrega no Domicílio.

JOSÉ DE MELLO & C.ª

Casa fundada em 1828

ESCRITÓRIOS: *Rua Nova de Alfândega n.º 67 — PORTO*

com *Armazém de Retem e Depósitos*

(Área coberta: 3.000 metros quadrados.)

EM MATOSINHOS: 14

R. de Brito Capelo n.º 912 e R. de Roberto Ivens n.º 903

Telefones: 21073 e 21074 — Mat. 647 — Est. 57

Assinai o NOTÍCIAS DE GUIMARAES